

**Arquivo Graciema: anotações sobre o acervo
relativo a Rodrigo Melo Franco de Andrade no
Arquivo Central do IPHAN / Seção Rio de Janeiro**

LETICIA BAUER*

As reflexões apresentadas a seguir decorrem da pesquisa, ora em curso, realizada para meu doutoramento. O projeto dedica-se a investigar as construções e reconstruções da figura pública de Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do IPHAN¹ de 1936 até 1967. Esse período adquiriu, ao longo do tempo, um revestimento coeso, direta ou indiretamente associado à personalidade de seu primeiro diretor. A gestão de Rodrigo corresponde ao que se apresenta em rodas formais e informais ligadas à área da preservação patrimonial como “a era de ouro do IPHAN”, ou, ainda mais, “a fase heróica” da instituição². Mas o espectro de sucesso que paira sobre essa época parece ser insuficiente para analisar a construção de sua imagem pública. Esta constatação é meu ponto de partida. A rapidez com a qual se passa por Rodrigo Melo Franco de Andrade revela, de um lado, sua naturalização como personagem definidor da área do patrimônio cultural no Brasil e, por outro, imediatamente complementar, a ausência de análise mais detida e minuciosa de sua figura e ações. Mais que isso, inexistem estudos sobre sua construção como *homem-monumento*³ ligado ao patrimônio cultural brasileiro

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt. Bolsista CNPq.

¹ A denominação do Instituto foi modificada diversas vezes: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ SPHAN (1937-1946); Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ DPHAN (1946-1970); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ IPHAN (1970-1979); Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ SPHAN (1979-1990); Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural/ IBPC (1990-1994); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ IPHAN (desde 1994) (PESSÔA: 2004, p. 11). Utilizarei a nomenclatura atual.

² Essa expressão é utilizada em importantes referências para o tema da preservação do patrimônio cultural no Brasil, a exemplo dos trabalhos de Lauro Cavalcanti (2000, p. 22), Silvana Rubino (1996, p. 97), Mariza Veloso Motta Santos (1996, p. 78), Márcia Regina Romeiro Chuva (2009, p. 143), Maria Cecília Londres da Fonseca (1997, p. 81 et seq), Lúcia Lippi Oliveira (2008, p. 120) e José Reginaldo dos Santos Gonçalves (1996, p. 50).

³ Ao construir a definição de *homem-monumento* considero segura e prudente a referência, constantemente evocada, de Jacques Le Goff na Enciclopédia Einaudi. Le Goff inicia o verbete “Documento/ Monumento” associando o primeiro a uma escolha do historiador e, o segundo, a uma herança do passado. Ambos seriam nas palavras do autor, materiais da memória (LE GOFF: 1984, p. 95). A partir da origem latina da palavra, monumento é aquilo que pode evocar o passado e perpetuar a

e, mais diretamente à instituição federal dedicada a sua salvaguarda. São propostas, entre outras, as seguintes questões: em que medida e por quais processos Rodrigo Melo Franco de Andrade tornou-se quase sinônimo de “O Patrimônio Histórico e Artístico no Brasil”? Como se processa essa legitimação, esse construto onde uma personalidade passa a ser compreendida quase como conceito, representação, dado natural em um campo de estudo e atuação?

Tendo em vista o horizonte de investigação da tese, parti para o Arquivo Central do IPHAN, localizado na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de esquadrihar a imagem de Rodrigo dentro do acervo da instituição⁴. Permanecer durante um mês pesquisando no Arquivo Central foi, sem dúvida, uma forma imersiva de trabalho. O Arquivo localiza-se no Pálacio Gustavo Capanema (PGC), antiga sede do Ministério da Educação e Saúde (MES) e situa-se no andar onde o IPHAN passou a funcionar a partir de 1947.

A insistência na pesquisa, refeita diariamente durante um mês, proporcionou conversas informais com funcionários ao longo dos dias, numa experiência que apontou a imagem de Rodrigo como constância contemporânea. A cada pergunta sobre minha pesquisa, que eu encerrava com um “pesquise sobre Rodrigo”, recebia um comentário genérico semelhante, próximo a “ele está por tudo”. As conversas com uma das mais antigas arquivistas sempre tiveram um tom de profundo respeito pelo antigo diretor. Contou-me que seu antigo chefe havia trabalhado com Rodrigo. Segundo ela, cada menção a Rodrigo, então já ausente da repartição, era acompanhada por um gesto que apontava para o final do corredor, onde se localizava a sala do diretor. Essa imersão no espaço, minado de referências invisíveis ao meu objeto de pesquisa, foi intensificado pela investigação na documentação.

recordação e caracteriza-se por sua ligação ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, como legado à memória coletiva (LE GOFF: 1984, p. 95). A essa referência incontornável gostaria de associar as considerações de Michel Foucault no que elas têm de específico em relação ao monumento. Segundo o autor: “em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra [...] uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos” (FOUCAULT: 2009, p. 8).

⁴ Essa pesquisa foi viabilizada graças à *Missão de Estudos PROCAD - Projeto Cruzando fronteiras: a história do trabalho no Brasil para além das dicotomias tradicionais*, vinculada ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD/ CAPES) e realizada entre 4 de outubro e 2 de novembro de 2012.

O Arquivo Central do IPHAN concentra a documentação produzida pela instituição até 1990. A partir de então, as superintendências regionais passaram a exercer essa atividade. O Arquivo começou a funcionar em 1940, com o objetivo de organizar a “documentação acumulada por Rodrigo Melo Franco de Andrade”⁵, sob a coordenação de D. Clemente Silva Nigra, monge beneditino que atuou no quadro técnico da instituição. A organização proposta pelo monge pautava-se pela separação entre documentos escritos e iconográficos. De acordo com as informações disponíveis, o acervo era utilizado apenas pelos técnicos “do Patrimônio” como instrumento de trabalho. A partir de 1946, Carlos Drummond de Andrade passou a ser o responsável pelo Arquivo, desenvolvendo um sistema diverso de organização. “A pedido de Rodrigo”, organizou dossiês relativos a cada bem tombado e área geográfica sendo que, até hoje, essa lógica permanece⁶.

A documentação do Arquivo divide-se em cinco grandes séries: *Tombamento*, *Arqueologia*, *Obras*, *Inventário* e *Outras Séries*. Dentro desta última grande série, interessou-me sobremaneira a *Documentação pessoal IPHAN– Personalidades - Rodrigo Melo Franco de Andrade*. Ao mesmo tempo em que “Rodrigo estava por tudo”, na expressão dos técnicos que me atenderam, foi realizada uma separação de documentação que correspondesse ao item *Personalidades*, mesmo que mudanças de gestão e equipe tenham deixado muitas lacunas na genealogia de conformação desse acervo arquivístico.

A primeira pergunta que formulei ao começar o trabalho de pesquisa nas 18 caixas dedicadas a Rodrigo foi: no que consistem os documentos destinados a conformar o item *Personalidades* no que se refere ao heroico personagem do IPHAN? Se, por um lado, o objetivo da pesquisa era a investigação da documentação, evidente que, por outro, a própria organização dos documentos tornou-se objeto de atenção. Valendo-me da leitura de Olívia Cunha, comecei a prestar atenção nas formas de emoldurar os documentos, nas condensações efetivadas por indicadores cronológicos e biográficos (CUNHA: 2005, p. 8).

⁵ Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

⁶ Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

Um primeiro dado a ser observado é a ausência de um arquivo pessoal⁷ de Rodrigo. Nos discursos e falas que o constroem como personagem público há uma marca muito clara que delimita Rodrigo como funcionário exemplar que soube, como ninguém, exercer uma tarefa pública. Por outro lado, a progressiva associação entre instituição e personalidade permite imaginar um processo por meio do qual a capilaridade de imagem de Rodrigo passou a motivar recortes.

Além da documentação burocrática da repartição pública, o arquivo abriga cartas e bilhetes assinados por parentes e amigos que frequentavam a sala de Rodrigo como extensão de sua casa e dispunham de sua amizade para solicitar favores pessoais. Sua correspondência é vasta. Rodrigo trocava cartas com embaixadores, ministros, técnicos, amigos e zeladores com esmero. Como afirmou em carta Paulo Krüger Mourão, o diretor tinha a “delicadeza de responder até aos operários que lhe endereçassem cartas”⁸.

Sua imagem era (e segue sendo) explorada na tensão entre sua vida pessoal e sua dedicação pela IPHAN. Na comemoração dos 20 anos da repartição, Manuel Bandeira afirmou: “Há vinte anos que Rodrigo não vive senão em função do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O amor que êle dá à sua repartição é um prolongamento do amor que dá à família, daquele amor reflorescido agora na pessoa de seu netinho”⁹. Família e repartição, no texto de Bandeira, figuram equânimes nas atenções do diretor. Para Rubem Braga, Rodrigo mostra, com *seu exemplo*, que a “coisa pública” pode ser objeto de paixão: “Essa paixão consumiu nêle, o jornalismo, o crítico e o excelente, o maravilhoso contista de ‘Velórios’, e consome também sua meta e sua saúde, mas não

⁷ Segundo Maria Madalena Garcia, “Trata-se fundamentalmente de documentos relativos ao estado civil e à filiação, à saúde, aos rendimentos e impostos, aos processos penais e criminais, à actividade profissional, às opiniões políticas, filosóficas e religiosas, à informação obtida sob promessa de segredo e ainda de documentos policiais e estatísticos. Todo este elenco diz respeito a documentos nominativos que contêm dados pessoais, isto é, informações sobre uma pessoa singular, identificada ou identificável (a “pessoa interessada”), que incluem apreciações e juízos de valor ou que são abrangidos pela reserva da intimidade da vida privada” (GARCIA: 1998, p. 181).

⁸ CARTA DE PAULO KRÜGER MOURÃO PARA RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE. 18 jul. 1963. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 11 P17.

⁹ BANDEIRA, Manuel. Que idade risonha e bela. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 abr. 1956. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 0011B P0014.

sua inesgotável paciência, sua encantadora simplicidade, sua espantosa modéstia”¹⁰. No poema *Velho Amor*, de Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo era amante gamado pelas feições do seu “love”, vigilante apaixonado, defensor das formas de sua “imarcescível Roxana”, a Arte Antiga do Brasil. Drummond encerrou o poema saudando o casal “Rodrigo-PHAN”¹¹. Nas palavras de Fritz Teixeira, Rodrigo abandonara uma “gloriosa carreira literária, uma fácil possibilidade na vida pública, uma rendosa advocacia e um jornalismo brilhante para se *escravizar, humilde e cotidiano – numa mesa do MEC*, dia após dia, ano após ano, no decorrer de toda uma vida” [grifo meu]¹².

Essa leitura pode ser observada, também, em produção mais recente sobre a trajetória da preservação do patrimônio cultural no Brasil. Penso em sentenças como a seguinte, presente em “Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória”, onde afirma-se:

Não é por acaso que ela [a fase heróica] é a mesma em que Rodrigo Mello Franco de Andrade esteve à frente da instituição, pois, na verdade, chegou a ser tal o envolvimento entre a pessoa e o serviço que, para muitos analistas, torna-se difícil ou quase impossível entender o Patrimônio sem conhecer e compreender a personalidade e a atuação de Rodrigo Mello Franco de Andrade (SPHAN/ Pró-Memória: 1980, p. 28).

Ou, ainda, conforme discorre Cecília Londres sobre a participação de intelectuais modernistas na criação do SPHAN:

Nessa tarefa, exerceram, ao mesmo tempo, a função de intelectuais e de homens públicos, e marcaram sua presença no serviço iniciado em 1936 – mais, talvez, que em qualquer outra instituição estatal de que tenham participado naquele período – de forma tão profunda e duradoura que, até hoje, para alguns, o Sphan dos anos 30-40, o Sphan

¹⁰ BRAGA, Rubem. Rodrigo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 25 abr. 1956. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 0011B P0014.

¹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Velho amor*. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 abr. 1966, [s.p.]. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 0011A P0012.

¹² TEIXEIRA, Fritz. Pequeno fato passado. **Jornal Minas Gerais**, Belo Horizonte, 26 out. 1968. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 0011A P0013.

“de doutor Rodrigo”, é o verdadeiro Sphan, tendo se tornado praticamente sinônimo de *patrimônio* (FONSECA: 1997, p. 82).

Essa reciprocidade já havia sido indicada, também, por José Reginaldo Gonçalves em sua pesquisa sobre os discursos sobre o patrimônio cultural empreendidos por Rodrigo Melo Franco de Andrade e Aloísio Magalhães. Observou o autor:

Na verdade, existe uma forte associação entre o chamado “Patrimônio” e o nome de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Alguns usam a expressão “o Patrimônio de Rodrigo”¹³ para destacar a intensa identificação entre o homem e aquela instituição. A criação e sedimentação do SPHAN é indissociável da imagem pública de Rodrigo. é possível dizer que, em certo sentido, Rodrigo, durante determinado período, modela o patrimônio cultural brasileiro, ao mesmo tempo em que o patrimônio o modela, enquanto *persona* pública (GONÇALVES: 1996, p. 47).

A personificação da instituição e a institucionalização de sua pessoa são exploradas e enfatizadas na historiografia sobre a trajetória da preservação do patrimônio cultural brasileiro. Como jogar com essas lentes na apreciação do acervo do Arquivo Central do IPHAN? Foi difícil não sucumbir ao feitiço deste arquivo “público/ personalizado”, relembrando a advertência de Ângela de Castro Gomes (1998: p. 125). Utilizo esta expressão entre aspas por entender que o arquivo relativo a Rodrigo – e penso aqui no conjunto de documentos dedicado a sua personalidade – não se define tão claramente. Toda a documentação ali produzida referia-se à esfera pública, porém circulava em uma dobra personalizada, na qual o homem que foi personificado em instituição equilibrava suas redes de relação.

Gostaria de chamar a atenção para uma organização específica, empreendida de maneira aparentemente silenciosa e, até o momento, anônima. A documentação reunida no Arquivo que responderia pelo item *Personalidades - Rodrigo Melo Franco de*

¹³ Gonçalves faz referência ao texto introdutório de Marcos Vinícios Vilaça em “Rodrigo e o SPHAN”. SPHAN/ FNpM. **Rodrigo e o SPHAN**: coletânea de textos sobre o patrimônio cultural. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987, p. 5.

Andrade divide-se entre reportagens em periódicos e correspondência institucional e pessoal. A data dos periódicos avança cronologicamente, ultrapassando 1969, ano do falecimento do primeiro diretor da instituição.

Ao tentar esquadrihar os registros atribuídos a Rodrigo identifiquei algumas permanências e muitas interrupções. Algumas pastas são mais pessoais, concentrando cartas manuscritas enviadas por parentes e admiradores de cidades do interior pedindo ou agradecendo favores. Outras organizam uma fragmentada correspondência ordenada alfabeticamente por remetente. Alguns relatórios, agradecimentos, cópias de cartas emitidas que talvez estejam duplicadas em outras caixas sob a ordem de outros assuntos. É provável que haja uma mescla de diferentes ações de organização do acervo ao longo do tempo, somadas à minha busca declaradamente recortada, seletiva e contemporânea. De qualquer modo, algumas peculiaridades chamaram-me a atenção.

São duas as seleções que compõem o acervo sobre a personalidade de Rodrigo: de uma parte, temos a documentação que, por diferentes motivos, permaneceu guardada ao longo dos anos e foi expedida ou recebida pelo titular da pasta; de outra, encontramos uma segunda ordem de documentos que correspondem aos periódicos. Desses, uma organização externa, empreendida pela Agência Lux (contratada pelo IPHAN) na realização de um *clipping* das notícias sobre a instituição, e recortes avulsos sem nenhuma identificação.

Esse material, quando apreciado, aponta para duas possíveis inferências. A primeira refere-se à inserção de informações sobre bens tombados pela instituição na subserie dedicada a Rodrigo. Juntamente com notícias sobre a concessão de títulos *Doutor Honoris Causa* a Rodrigo, suplementos literários dedicados a ele, homenagens e artigos de amigos e admiradores de “Dr. Rodrigo”, encontrei também notícias sobre exposições na Bahia, inauguração de museus e exposições pelo Brasil, restaurações esclarecimentos sobre as atividades desenvolvidas pela instituição brasileira de preservação do patrimônio cultural.

Parece bastante improvável que essa variedade de temas esteja por acaso na organização das caixas dessa *Personalidade*. Podemos identificar uma permeabilidade

entre indivíduo e instituição, uma contaminação entre a parte e o todo experimenta uma desafiadora e questionável naturalização. Muitas vezes, as notícias dedicadas ao IPHAN tinham o nome de Rodrigo sublinhado, dando destaque ao indivíduo dentro do panorama da instituição. Importa enfatizar dois aspectos apontados por Luciana Heymann: o papel desempenhado pelo arquivo pessoal na construção da imagem do titular de acordo com a versão pretendida pelo titular ou seus herdeiros e a dimensão coletiva dessa construção por meio da interferência de cônjuges, familiares, secretários e assessores, por exemplo (HEYMANN: 2012, p. 67). Mesmo que não se trate de um arquivo pessoal, é possível perceber esse empreendimento coletivo no enquadramento de Rodrigo no Arquivo.

A segunda inferência é menos assertiva e corresponde à retomada de uma observação. Com o passar dos dias, passei a fotografar anotações manuscritas que figuravam no entorno de cópias de notícias de jornal, em sua maioria fotocópias de originais. Essa observação teve início ao ler o texto “Apontamentos para a História da Arte no Brasil” cujo entorno continha a seguinte anotação: “Arq. Graciema/ Pasta s/ nome, velha/ doada a D. Graciema”.¹⁴ A partir deste detalhe, comecei a registrar outros que deram a ver uma organização interna que, ao que tudo indica, não foi desenvolvida até o final. Além das notações do “Arquivo Graciema”, encontrei outras caligrafias, com outros agrupamentos. As bordas desses documentos parecem comportar diferentes camadas de tempo e de objetivos, organizações diversas e aparentemente anônimas que hoje estão agrupadas sob o assunto *Personalidades – Rodrigo Melo Franco de Andrade*. Perseguindo o “Arquivo Graciema”, percebi que ele era composto de divisões: *pasta Pessoas*, *pasta “PHAN/ nos Estados”*, *pasta “Diversos”*, *pasta “Falecimento”*, *pasta “PHAN – Aniversário da Fundação”*. Por esta última, não parece leviano afirmar que se tratava da formação de uma série ou arquivo dedicado a Rodrigo. As anotações, manuscritas em caneta azul, às vezes coincidem com apontamentos à lápis, outras não. Estes últimos dividem-se de outra maneira, vinculando os documentos por *Biografia*, *Biografia – pedido de exoneração*, *História do SPHAN*, *20º Aniversário da DPHAN*, *Saída do IPHAN*.

¹⁴ APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL. [Jornal não identificado]. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 11 P10.

Finalmente, algo evidente para se perguntar. Quem seria Graciema? Trata-se da esposa de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Nada mais pessoal. Ao que tudo indica, D. Graciema recebeu do IPHAN uma pasta com cópia de reportagens sobre o marido. Difícil saber se o “Arquivo Graciema” constituiria uma realidade dentro do Arquivo Central ou não. Fato é que não disponho de informações, até o momento, para avançar nas considerações.

As anotações apontam, de uma maneira ou de outra, um esforço em agrupar e ordenar os registros sobre Rodrigo. Conjecturei sobre a possibilidade desta organização “marginal” corresponder ao trabalho de organização de Teresinha Marinho para as publicações *Rodrigo e seus tempos* (1986) e *Rodrigo e o SPHAN* (1987). Estes livros, juntamente com *A lição de Rodrigo*, homenagem *in memoriam* de 1969, conformam a tríade de fontes constantemente utilizadas para a caracterização de Rodrigo. Teresinha Marinho foi a responsável pela pesquisa de fontes no arquivo institucional, bem como autora na nota biográfica sobre Rodrigo. Esta, talvez, a nota biográfica menos sucinta sobre o diretor.

Sugeri abordar a construção da imagem de Rodrigo Melo Franco de Andrade a partir de um entendimento pautado na monumentalização. Se, por um lado, pode parecer evidente que a instituição monumentalizadora por excelência tenha seu próprio monumento, por outro parece que estamos diante de um jogo de inversões e reimpressões entre a instituição e a pessoa de seu diretor. Não fosse um trabalho esmerado, seria quase um trocadilho, uma metalinguagem (que é, quase sempre, irônica): Rodrigo, ao monumentalizar o patrimônio brasileiro é, também ele, monumentalizado. Nesse processo, o Arquivo Central do IPHAN não reflete essa organização, mas a produz delicadamente, ora apartando, ora embaralhando pessoa e instituição.

Referências bibliográficas



APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL. [**Jornal não identificado**]. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 11 P10.

BANDEIRA, Manuel. Que idade risonha e bela. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 abr. 1956. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 0011B P0014.

BRAGA, Rubem. Rodrigo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 25 abr. 1956. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 0011B P0014.

CARTA DE PAULO KRÜGER MOURÃO PARA RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE. 18 jul. 1963. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 11 P17.

CAVALCANTI, Lauro. **Modernistas na repartição**. Rio de Janeiro: UFRJ; MinC – IPHAN, 2000.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930 – 1940)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CUNHA, Olívia. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/ nos arquivos. **Estudos Históricos**, n. 36, Rio de Janeiro, p. 7-32, 2005.

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **A lição de Rodrigo**. Recife: Escola de Artes da UFPe, 1969.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GARCIA, Maria Madalena Moura Machado. Os documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, v. 21, Rio de Janeiro, p. 175-187. 1998.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/ IPHAN, 1996.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, n. 21, Rio de Janeiro, p. 121-127. 1998.

HEYMANN, Luciana Quillet. **O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Contra Capa/ PAPERJ, 2012.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: ROMANO, Ruggiero (Coord.). **Enciclopédia Einaudi**. Volume 1 – História – Memória. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PESSÔA, José (Org.). **Lucio Costa: documentos de trabalho**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.



RUBINO, Silvana. O mapa do Brasil passado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 97-105, 1996.

SANTOS, Mariza Veloso Motta. Nasce a Academia SPHAN. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 77-95, 1996.

TEIXEIRA, Fritz. Pequeno fato passado. **Jornal Minas Gerais**, Belo Horizonte, 26 out. 1968. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades CX 0011A P0013.

SPHAN/ FNpM. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória**. Brasília: SPHAN/ Pró-Memória, 1980.

_____. **Rodrigo e seus tempos**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

_____. **Rodrigo e o SPHAN: coletânea de textos sobre o patrimônio cultural**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.